



Cabeça na NUVEM



**RENAN
CARVALHO**

EXCERPTO ANTICIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA



Planeta

RENAN CARVALHO

Cabeça na NUVEM



TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © Renan Carvalho, 2026
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2026
Todos os direitos reservados.

Preparação: Guilherme Kroll
Revisão: Elisa Martins e Fernanda Guerriero Antunes
Projeto gráfico e diagramação: Matheus Nagao
Capa: Renan Carvalho
Ilustrações de capa e miolo: Felipe Mikha

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Carvalho, Renan

Cabeça na nuvem / Renan Carvalho. -- São Paulo : Planeta do Brasil,
2026.

240 p. : il.

ISBN 978-85-422-3966-9

1. Literatura infantojuvenil brasileira I. Título

25-4987

CDD 028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil brasileira

Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo

2026

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Planeta do Brasil Ltda.
Rua Bela Cintra, 986, 4º andar – Consolação
São Paulo – SP – 01415-002
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

1.

Consciência nível S

Era comum ver Max se distraíndo ao longo do dia. Como várias outras crianças de sua idade, às vezes ele não prestava atenção no que o pai falava, às vezes se esquecia da lição da escola ou começava a fazer alguma coisa sem terminar a primeira. Tinha dificuldade de se concentrar no mundo real, nos problemas reais. Sua cabeça vivia nas nuvens, conectada àquela cidade feita de dados e algoritmos que flutuava no céu e oferecia a ele uma realidade mais divertida, da qual tinha controle.

Naquela tarde, como de costume, ele estava diante do computador, o rosto refletido na tela preta. Apenas uma mensagem azul-clara piscava:

APERTE START

Max já tinha o fone de ouvido preso à cabeça. Faltava-lhe o visor de realidade virtual, posto sobre a mesa. Ele respirou fundo e o colocou. Em seguida, apoiou-se no encosto da cadeira *gamer* e pressionou o botão na lateral dos óculos.

O escuro dentro do visor foi substituído por um vórtex de luz, que se espiralava como um túnel, sugando a consciência de Max para outro lugar. Ele se viu dentro de um turbilhão de dados que subia ao céu, e notou sua casa ficar pequenina sob seus pés. Como um raio, atravessou as nuvens.

Subir era como sonhar, principalmente para alguém como Max, cuja mente era, digamos, mais criativa. Enquanto seu corpo virtual se formava, fruto da programação e do compilado de centenas de terabytes, a mente ia retomando a noção de que aquilo não era um sonho. Estava entrando no Mundo da Nuvem e, ali, ele ganhava o controle de Maximus, seu poderoso avatar.

Após observar as próprias mãos, agora mais largas e fortes do que as do garoto magrelo de onze anos, Maximus viu que tudo havia sido preparado para que a missão fosse perfeita. Sua equipe estava pronta: o atirador dava cobertura do alto de um morro e, ao seu lado, os outros dois membros do time se aprontavam para a subida da colina. Maximus escutava o vento assobiar pelos vales rochosos à frente, dando as boas-vindas à mais perigosa fase do jogo Pegue a Bandeira.

Todos no time vestiam peças de uma armadura feita de fibra de carbono e um capacete com viseira digital. Em Maximus, o capacete havia sido trocado pelo fone de ouvido moderno, muito parecido com o que ele usava na Terra; a diferença era que este tinha um visor acoplado, para que ele visualizasse as informações do jogo. Max nunca tirava o fone – ou porque estava sempre jogando na Nuvem, ou porque amava escutar as músicas antigas da coleção de sua mãe.

A equipe era composta por jovens fortes, dignos de um exército. E Maximus não era diferente. Aparentava ser, pelo menos, uns oito anos mais velho do que sua versão do mundo real. Tinha contornos robustos e, com aquela vestimenta, parecia um herói de guerra. Estava quase todo coberto, com exceção dos braços. O direito não tinha luvas, mas era repleto de números zeros e uns, que formavam códigos binários. Juntamente com o fone de ouvido, os códigos no braço eram a marca registrada de seu avatar.



O jovem abaixou a viseira e olhou para cima, mirando em seu alvo: um pequeno mastro distante, onde a bandeirola azul se sacodia com o vendaval. Estava a mais de oitocentos metros montanha acima. Assim que ele travou o olhar no objetivo, um círculo vermelho apareceu no visor, envolvendo a bandeira.

— Alvo definido —
ecoou a voz feminina e robótica no céu, o sistema avisando que o desafio estava prestes a começar.

— Trinta segundos —
alertou Maximus.

Ele havia estudado a fase por mais de um mês. Fez diversos testes e treinou firme com a equipe durante todo o verão. Aquela seria sua única tentativa de bater o recorde do jogo e reivindicar a bandeira antes da marca dos doze minutos e dezenove segundos. Se desse errado, ele teria que esperar a próxima temporada.

O cronômetro surgiu no céu marcando vinte e cinco segundos para o início da partida. Então, a garota do time deu um passo à frente e montou em uma das motos. Ela era a linha de defesa, seguindo na dianteira para impedir que qualquer coisa tentasse atacá-los. Na sequência, Max e o outro membro da equipe a seguiriam, também motorizados. Em caso de urgência, ainda havia

o atirador posicionado mais atrás para dar cobertura. Foi ele, de cima do morro, que retirou o pequeno drone da mochila e o colocou para voar.

Maximus viu o robô e acenou para a câmera embutida na máquina. A partir dali, toda a ação seria filmada e registrada para os espectadores de diversos canais na Nuvem. Não tinha como dar errado. Não podia dar errado.

— O povo da escola nem vai acreditar que chegamos na fase final — disse o atirador.

Realmente, ter chegado até ali já era um feito e tanto. Ninguém ousava desafiar aquele jogo com tão poucos recursos. Eram apenas quatro para vencer desafios que exigiam, no mínimo, o dobro de jogadores. Max e sua equipe já haviam vencido todas as fases anteriores naquela temporada, batido todos os recordes. Faltava apenas aquela.

— Coloca uma música pra gente, Max — pediu o rapaz na motocicleta.

Todos estavam ligados por um canal de comunicação.

— Que tal um rock? — perguntou Max, já pensando na canção ideal.

— Isso! — respondeu o rapaz, sorrindo e abaixando a viseira escura.

Maximus se concentrou, e os códigos em seu braço se acenderam em um azul bem claro. Em seguida, algo foi alterado no banco de dados da matriz que gerava aquela fase. O som sem graça do vento contra as montanhas foi abafado pela batida pesada da bateria, e a melodia das guitarras inundou as colinas logo depois. Era a banda Rush tocando seu clássico “Tom Sawyer”, que vinha diretamente do fone do garoto, no mundo real, para aquela fase gerada na Nuvem.

♪ *Um guerreiro dos tempos modernos, de andar malicioso*
O Tom Sawyer de hoje com orgulho maldoso ♪

Mais alto do que a música que Max escolhera, apenas a contagem regressiva se destacou na voz feminina do jogo:

— Dez, nove, oito...

— Todos prontos? — perguntou Max, recebendo um energético “sim” de seu time.

— ... sete, seis...

A garota colocou uma das mãos diante de sua moto e preparou a proteção do grupo. Max viu o escudo de energia leitosa se formar como uma parede diante deles.

— ... cinco, quatro, três...

Deram a partida nas motocicletas.

— ... dois, um. Comecem!

Ao sinal, o time disparou na direção do objetivo. O cronômetro agora registrava o tempo que o grupo levaria para completar a missão.



Os pneus levantaram a poeira do chão terroso na primeira parte do percurso, que parecia a mais fácil. Max sabia que aquele jogo gerava ameaças aleatórias, pois já havia enfrentado gorilas saltando das rochas, aves gigantescas que desciam em voos rasantes e até rinocerontes correndo em fúria pela estrada. A equipe estava coberta para cada uma dessas alternativas.

Tudo sob controle, pensou Max. E a música continuava:

♪ O que você diz sobre a sua companhia

É o que você diz sobre a sociedade

Perceba a névoa, perceba o mito

Perceba o mistério, perceba o movimento ♪

E foi exatamente um movimento estranho que Max percebeu. Os parâmetros de jogos como aquele sempre surpreendem, era o que todos na Nuvem falavam, principalmente depois da implementação

de alguns sistemas de inteligência artificial que aprendiam com os usuários. O time estava preparado para se defender de ameaças vindas de todos os lados, exceto de um...

A ameaça veio logo do solo. O chão tremeu, e a roda da moto de Maximus trepidou, forçando-o a segurar o guidão com mais firmeza. Em seguida, ele viu a pista diante da garota na motocicleta da frente se romper e, do buraco, um verme monstruoso se espichou para fora, abrindo a boca repleta de dentes afiados. A criatura tentou um bote, mas acabou tendo metade de seu corpo tostada pelo escudo de energia.

Maximus sentiu um forte cheiro de carne queimada enquanto passavam ao lado do buraco com a outra metade do verme desfalecido. Adiante, os tremores voltaram ainda mais fortes, e outras aberturas apareceram ao redor dos motociclistas. O primeiro verme tentou um ataque pela lateral esquerda de Max, que teve reflexo rápido o suficiente para sacar sua pistola e explodir a cabeça do monstro. O segundo, que veio pelo lado direito, foi abatido por três disparos do atirador do time. O terceiro acabou cortado ao meio pelo golpe de espada do outro motociclista. Por fim, o quarto brotou bem debaixo da garota e abocanhou a roda da moto, fazendo a jovem rolar no chão de terra.

Maximus apertou os freios e os dentes. Ele derrapou os pneus antes de saltar da motocicleta até o verme que se esticava para morder a garota caída. O golpe de espada foi preciso e cortou a minhoca gigante em duas partes iguais.

— Obrigada — disse ela, apoiando-se nos joelhos.

Maximus a ajudou a se levantar e logo voltou a ficar em alerta. Olhou para os lados e não viu nenhum sinal de novos ataques. A estrada de terra permanecia firme, não era possível sentir o chão tremendo com o movimento dos vermes. Teriam vencido todos ou os inimigos estavam apenas esperando para pegar os jogadores desprevenidos?

— Você vê alguma coisa daí de cima? — perguntou ao atirador.

— Nada — respondeu ele a Max. Em seguida, gritou, assustado.

Max olhou para trás e testemunhou, ao longe, os vermes arrebentarem as rochas onde o atirador estava. Ele foi puxado pela perna para um dos buracos e desapareceu.

Como essas criaturas chegaram ali?, pensou Max, preocupado. Teria errado os cálculos? O morro de pedra era para ser seguro para o atirador do time. Mas também era a primeira vez que via esses vermes na fase. De alguma forma, o jogo parecia ser mais esperto que o jogador.

— Temos que continuar! — alertou o outro motociclista, entre mais vermes que voltavam a brotar ao redor deles.

Maximus balançou a cabeça, lamentando a perda de um dos membros do time, mas não tinha como desperdiçar mais tempo. Ele subiu novamente na moto, dando a mão para que a garota montasse na garupa. Ao lado deles, o outro motociclista acelerou. O drone vinha logo acima acompanhando todo o movimento, embalado pelo volume frenético do teclado eletrônico e do solo de guitarra distorcido que tocava após o refrão da música do Rush. A câmera captava cada detalhe em alta resolução. Através da viseira, era possível notar o suor de Maximus escorrer pela testa. Ele estava nervoso; as coisas não iam como o planejado.

Já chegavam à metade da subida quando o solo se estremeceu mais uma vez. Atento, Maximus esperou por uma nova investida dos vermes. Em vez disso, ele se deparou com um paredão de pedra se erguendo de forma repentina no alto da colina. Ao alcançar quase cinco metros de altura, a muralha se despedaçou e lançou uma avalanche pela estrada. Dezenas de pedregulhos passaram quicando entre as duas motocicletas, que evitaram os obstáculos com agilidade. No entanto, não era possível se esquivar da última rocha. Como um titã de pedra, ela descia pela ladeira, ocupando todo o espaço do percurso.

A garota do time tentou criar uma barreira diante da moto de Max, mas ele a impediu.

— O escudo não vai aguentar um impacto direto daquilo — ele falou, com os olhos fixos na ameaça gigante.

— E o que vamos fazer? — retrucou ela, aflita.

Maximus não respondeu. Não havia tempo. Ele apenas tirou a atenção dos guidões e se concentrou nos dados que voavam invisíveis na programação daquele lugar. A fase era um cenário construído na Nuvem, era parte de um sistema, e sistemas podem ser alterados.

Não era à toa que Max liderava aquele grupo. Além de suas claras habilidades em traçar estratégias, ele detinha um dom raro entre todos que subiam à Nuvem. Como o Tom Sawyer da música, sua mente era diferente da maioria das pessoas. Ele podia compreender os dados que cortavam o ar como fios invisíveis e se comunicar com eles, mesmo que minimamente. Max tinha a chamada “consciência de nível S”, algo disponível para menos de 1% da população. Isso permitia que sua criatividade mudasse pequenos, mas preciosos detalhes na Nuvem. Foi isso que ele usou para trocar a música da fase e colocar o rock que ainda escutavam. E era o que precisaria usar para não serem esmagados.

Maximus estendeu o braço direito e deixou os códigos binários piscarem. Linhas luminosas ganharam vida e serpentearam para fora de sua pele, voando depressa até se conectarem com a rocha gigante. Por um breve instante, Max reescreveu algumas propriedades daquele objeto.

O pedregulho, antes imparável, desacelerou e, depois, parou por completo. Max apertou os olhos, se concentrando, e a rocha flutuou, como se fosse mais leve do que o ar.

— Cê é loco! — exclamou o outro motociclista enquanto passava por baixo da rocha flutuante. — Como fez isso?

A motocicleta de Max também passou pelo obstáculo em seguida, e ele finalmente relaxou. Atrás do time, o pedregulho recuperou seu estado original e caiu, emitindo um grande estrondo na estrada antes de seguir seu caminho morro abaixo.

— Eu alterei a física da rocha, fiz com que a simulação de gravidade da fase não se aplicasse mais a ela — respondeu Max, aliviado e ofegante. Aquela manobra tinha drenado bastante de sua energia.

♪ *Não, sua mente não é de aluguel*
De nenhum deus ou governo
Sempre com esperança, embora descontente
As mudanças não são permanentes ♪

As motocicletas continuavam roncando pela estrada em alta velocidade. Enquanto o cronômetro no alto do céu marcava seis minutos de partida, o visor de Maximus mostrava que ainda faltavam centenas de metros em uma pista íngreme e perigosa até o cume. Se continuassem assim, não bateriam o recorde.

Quando a versão estendida da canção recomeçou, o chão voltou a estremecer no mesmo ritmo das batidas da bateria. Os vermes de antes ressurgiram, lançando rochas para cima. Só que agora eles saltavam para fora dos buracos e tentavam atacar os motociclistas antes de cair na terra outra vez.

— Cuidado! — alertou Max ao desviar de um dos vermes, que passou por cima da moto. Infelizmente, a garota que estava na garupa não teve o mesmo reflexo e acabou sendo atingida. A moto derrapou. Olhando para trás, Max viu a companheira ser cercada por outros três monstros. Não tinha como sair inteira dali.

— Continuem — disse ela pelo canal de comunicação, e então seu sinal desapareceu.

Ao perder outro membro de seu time, Max praguejou e apertou os guidões com mais força. Ele seguiu com o segundo motoqueiro entre os vermes que continuavam surgindo sem dar sossego. Mais e mais se emparelhavam com as motos, nadando como golfinhos na terra escura. Max viu seu companheiro cortar uma das criaturas no alto; depois, desviou de outra que saltou sobre a motocicleta. Distraiu-se por meros segundos e não conseguiu evitar um último verme que apareceu bem diante da roda. O monstro mordeu metade da moto e fez Maximus voar com a inércia de cara na estrada.



TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Ele se levantou zozzo e teve tempo de ver o outro motociclista dar meia-volta para vir ao seu auxílio. Maximus fez sinal para que o colega não voltasse, mas foi ignorado. A moto parou após um cavalo de pau, e o companheiro de time sacou a pistola, dando cinco tiros para afastar os vermes mais próximos.

— Não devia ter voltado. O objetivo é a bandeira — disse Max, furioso.

— Só você pode chegar até lá, sabe disso. Eu não duraria mais cem metros sozinho.

Max olhou para baixo e notou os danos na armadura. Seu braço estava ralado, e ele sentiu a perna esquerda falhar ao colocar peso sobre ela. Mesmo assim, subiu na garupa. Enquanto partiam, ele abateu a tiros outros dois vermes gigantes que surgiram do solo.

— Aumentaram a dificuldade desse troço. — Max tinha certeza. — São essas malditas inteligências artificiais que estão testando na Nuvem.

— Sim — concordou o outro. — Mas agora precisamos ir até o fim.

— E nós vamos!

A moto fez uma curva arriscada em um dos cotovelos da montanha e seguiu em alta velocidade. Maximus ouvia o colega cantarolar o rock enquanto dirigia – parecia tentar se distrair. Por sua vez, ele estava pensativo. Queria desvendar que outro obstáculo apareceria. Que armadilha poderia ser diferente de todas as possíveis que havia estudado antes de decidirem realizar a missão? Como a IA ainda poderia adaptar o desafio para torná-lo mais difícil?

As respostas não demoraram a vir. Logo na curva seguinte, outros bichos medonhos saíram de trás das pedras. Desta vez eram lagartos com garras e dentes serrilhados. A moto se desviou dos três primeiros e foi ziguezagueando por uns cinquenta metros até o motorista perder o equilíbrio e cair, lançando Maximus mais uma vez ao chão. Sua arma se arrastou por alguns metros, e Max a acompanhou com os olhos. Fez uma careta quando ela despencou pela beira da montanha.

— Corre! — berrou ele. Então se levantou e seguiu o próprio conselho.

Os dois correram o quanto puderam para fugir da nova ameaça. A cada dúzia de passos, o companheiro de Max se virava e disparava três ou quatro vezes, mas nada que servisse para afastar os répteis. Os bichos eram rápidos e praticamente rodavam as quatro patas, vindo como loucos atrás dos jogadores.

Já faltava pouco para a bandeira, e o cronômetro marcava quase onze minutos. O visor de Max mostrou o alvo a apenas alguns metros, e ele pensou que talvez fossem conseguir. Os dois subiram os rochedos, colocando em prática tudo o que haviam aprendido nos treinos de escalada. Só não conseguiam ser mais ágeis do que as criaturas em seu encalço, que, como as lagartixas, eram especialistas nesse quesito.

As guitarras emanavam um solo estridente quando Max se debruçou no alto do rochedo e jogou o corpo para cima. Em seguida, deu a mão ao colega a fim de puxá-lo. Maximus fez força, e seu companheiro não saiu do lugar. A língua de um dos lagartos estava enrolada na perna do rapaz, tentando levá-lo de volta para baixo. Com a mão que continuava livre, o colega de Max sacou a espada e cortou a língua pegajosa. Mesmo assim, antes que conseguisse subir, outro monstro o acertou, e ele acabou derrubando a arma.

Max continuava fazendo força para trazê-lo para cima quando uma terceira língua se atracou ao pescoço do rapaz. Engasgando-se, ele mandou o líder continuar e soltou sua mão.

— Mas que porcaria! — disse Maximus, irritado, enquanto seu companheiro era tragado desfiladeiro abaixo. — Já me cansei disso.

O jogador usou sua habilidade mais uma vez, e os números azuis em seu braço se acenderam, dando-lhe mais força. Ele socou o chão com raiva, fazendo uma parte do rochedo se desprender. As pedras acertaram os lagartos que insistiam em escalar, jogando-os para baixo. Após se certificar de que demorariam a retomar a subida, Max correu para a bandeira.

O drone se aproximou em um voo baixo, fechando a imagem no rosto de Maximus. O cronômetro marcava exatos doze minutos, eram apenas mais dezoito segundos para bater o recorde. Max estendeu o braço para agarrar o mastro que estava a menos de dois metros. *Vou conseguir*, pensou. Todo aquele esforço tinha valido a pena. Ele finalmente teria o novo recorde de um dos jogos mais difíceis da Nuvem.

Sua sede de vencer era tamanha que ele vacilou nos segundos finais. Não seguiu o conselho da música e não percebeu o movimento da última armadilha. Ao pisar em uma rocha falsa, a colina tremeu. Maximus perdeu o equilíbrio e viu o chão à sua frente se abrir em um abismo bem no meio da montanha. A bandeira se afastava dele, levando consigo a vitória.

Faltavam apenas dez segundos. Sem pensar, ele saltou com toda a sua força, os dentes cerrados, os punhos apertando os dedos. Seu tronco bateu forte do outro lado do buraco, mas suas mãos não conseguiram se agarrar à rocha escorregadia. Max caiu alguns metros e se segurou em outra pedra, logo abaixo. Ele olhava para a câmera, como se buscasse ajuda, contudo o drone não podia fazer nada além de filmar.

Então ouviu um ruído e sentiu as pedras tremerem outra vez. O buraco agora se fechava. Ele tentou escalar e escorregou de novo; as mãos suadas não se prendiam em nada. Nos ouvidos, a música terminava:

♪ *Sai de cena o guerreiro, hoje o Tom Sawyer*
Ele fica eufórico com você e com a sua energia
Ele triunfa sobre os desafios do dia ♪

Maximus buscou se concentrar em algo que pudesse mudar ali, só que não teve tempo. Ele não triunfou, apenas caiu. O buraco se fechou. E o recorde não foi batido.